

NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luís Beethoven. *O Povo de Luzia – em busca dos primeiros americanos*. São Paulo, Editora Globo, 2008. 334 p.

MARIA CECÍLIA MANZOLI TURATTI

Hugo Chávez adoraria ler *O povo de Luzia – em busca dos primeiros americanos*, de Walter Alves Neves e Luís Beethoven Piló. A luta da ciência sul-americana para validar descobertas pouco simpáticas ao todo-poderoso *mainstream* científico norte-americano certamente inflamaria o já mais que candente sentimento antiimperialista do comandante venezuelano.

Não se demole um dogma científico com pouco dinheiro, pouca competência e falta de vocação para a briga. Se o dogma tiver sido construído por uma comunidade acadêmica financeiramente poderosa e arrogante, como a norte-americana, essa máxima pode chegar a requintes de crueldade (p.72).

Para nos informar das evidências científicas que motivaram essa peleja, os autores apresentam o carste de Lagoa Santa, Minas Gerais, explorado desde 1834 pelo naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund. No relevo calcáreo de Lagoa Santa, Lund (em meados do século XIX) e a arqueóloga francesa Annete Laming-Emperaire (nos anos 1970) encontraram vestígios fósseis capazes de abalar o paradigma científico dominante no que concerne às origens da presença humana no continente americano.

O *Clovis-first/Clovis-like* – nome derivado das pontas Clovis, principal produto da indústria lítica dos pretensos primeiros colonizadores da América – é o modelo de ocupação estabelecido pela comunidade arqueológica norte-americana. Segundo os clovistas, a pre-

sença humana no continente data de 11,4 mil anos e os primeiros americanos – representantes de um único estoque biológico, conhecido popularmente como mongolóide (biotipo asiático dominante) – teriam chegado pelo estreito de Bering à região norte do continente. Para se espalhar pela América, esses pioneiros teriam usado um *ice-free corridor* a leste das Montanhas Rochosas. Sendo assim, a presença humana nas partes baixas da América só poderia ser mais recente que a data inicial do padrão Clovis.

No entanto, uma série de evidências vem desafiando esse paradigma clovista. A mais notória é certamente o crânio de Luzia, encontrado em 1975 por Laming-Emperaire a 11 metros de profundidade em um dos sítios arqueológicos da região de Lagoa Santa e cuja datação aproximada está entre 11,5 e 11 mil anos. Ora, será então que enquanto os pioneiros da cultura Clovis ainda penavam para acertar a fabricação de suas famosas pontas, Luzia e seu povo já perambulavam pelas Minas Gerais? Ademais, a feição de Luzia, reconstruída por Richard Neave, renomado antropólogo forense britânico, assemelha-se à de aborígenes australianos, melanésios e africanos atuais. Houve então outra migração para a América de um grupo humano não-mongolóide?

Peter Lund, nos idos de 1840, já atentara para o fato de que os crânios por ele descobertos em Lagoa Santa apresentavam estreitamento e faces projetadas para frente, diferenças marcantes em relação ao biotipo mongolóide. Nas duas últimas décadas do século XIX e pri-

meiras três décadas do século XX, o debate sobre a origem da população americana esteve em voga, estando os antropólogos Paul Rivet e José Imbeloni – respectivamente francês e argentino – como figuras de destaque no lado que pregava a heterogeneidade das populações pioneiras; no *corner* oposto, a comunidade científica norte-americana – o antropólogo físico Ales Hrdlicka à frente – na defesa renhida de uma colonização exclusivamente mongolóide. À época, Rivet e Imbeloni foram nocauteados graças à explicação um tanto estapafúrdia que advogavam para justificar como teriam chegado esses povos não-mongolóides à América – uma absolutamente improvável migração transpácifica.

Efeito Luzia

Entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, Walter Neves, da Universidade de São Paulo, e Hector Puciarelli, da Universidade Nacional de La Plata (Argentina), compararam uma amostra dos crânios de Lagoa Santa com outras populações de *Homo sapiens*, valendo-se de estatísticas multivariadas. De posse dos resultados, que apontavam grande afinidade morfológica entre a amostra brasileira e grupos australianos e africanos atuais, resolveram enfrentar novamente os norte-americanos, apresentando à comunidade científica o “Modelo dos dois componentes biológicos principais”, segundo o qual deveria se agregar uma anterior migração não-mongolóide às já reconhecidas migrações de caráter mongolóide para descrever as primeiras ocupações na América. Tomaram o cuidado de se livrar do paradoxo de Rivet e seus contemporâneos, propondo que esses pioneiros não-mongolóides também saíram da Ásia e atingiram as terras do Novo Mundo pelo mesmo estreito de Bering.

Tal deslocamento teria ocorrido antes do aparecimento da morfologia mongolóide no Nordeste asiático, que mais tarde também chegaria ao Novo Mundo, pela mesma via (p. 158-159).

Para justificar essa hipótese, analisaram crânios encontrados na China – cuja estimativa de idade variava entre 11 e 27 mil anos – que também apresentavam traços não-mongolóides em sua morfologia.

As análises comparativas efetuadas sobre o crânio de Luzia foram formalmente apresentadas à comunidade científica em 1998. Na mesma época, o arqueólogo norte-americano Tom Dillehay escrevia sobre seus achados pré-Clovis em Monte Verde, no Chile, demonstrando sem margem para dúvidas que o homem já estava presente nesta região havia pelo menos 12,3 mil anos. Jim Chatters, também arqueólogo norte-americano, anunciava por sua vez o achado de um esqueleto humano em Washington, datado de quase 9 mil anos e que também não se enquadrava no padrão mongolóide. Para se ter idéia do impacto desses eventos não só no embate acadêmico-científico em que se inserem, mas também em questões políticas tangenciais aos direitos étnicos, é preciso ressaltar que o *Homem de Kennewick*, como foi denominado o achado de Chatters, foi alvo de uma intensa disputa jurídica entre cientistas e tribos indígenas norte-americanas. A legislação norte-americana denominada *Native American Graves Protection and Repatriation Act* determina que qualquer remanescente ósseo de origem arqueológica seja devolvido aos nativos que o reclamem como ancestral. No caso do Homem de Kennewick, a Suprema Corte norte-americana decidiu em favor dos cientistas levando em conta que

a América pode ter sido colonizada por pelo menos duas levas biológicas distintas e que as etnias indígenas atuais não são necessariamente

te descendentes da mais antiga. Pesou muito também o fato de o homem de Kennewick não demonstrar um formato craniano similar ao dos ameríndios de hoje (p. 169).

É o que os autores chamam de “Efeito Luzia”.

A luta continua

Para dar continuidade às pesquisas e reforçar as evidências dessa hipótese dissonante para a ocupação do continente americano, foi criado em 2000 o projeto *Origens e microevolução dos homens na América*: uma abordagem paleoantropológica, capitaneado por Walter Neves e financiado pela FAPESP. De volta à Lagoa Santa, a equipe do projeto – formada por bioantropólogos, arqueólogos, arqueobotânicos, geoarqueólogos, zooarqueólogos, geólogos, paleontólogos, geógrafos, biólogos e palinólogos – vem realizando novas prospecções, datações, avaliações dos sítios arqueológicos antigos e detecção de novos sítios.

Luzia é o único vestígio de ocupação humana em Lagoa Santa acima dos 10 mil anos, o

que enfraquece a teoria da ocupação pré-Clovis no local. Encontrar outros restos esqueléticos com a mesma datação de Luzia seria decisivo para golpear de morte a rigidez clovista. Já no quesito biologia dos primeiros americanos, Luzia não está tão sozinha: foram identificados fósseis de grupos humanos com a mesma morfologia australo-melanésica na Flórida, no México, na Colômbia, no extremo sul do Chile e em quatro outros estados brasileiros (Piauí, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul). Mas desses achados surge uma pergunta ainda não satisfatoriamente respondida: o que aconteceu com esses grupos americanos não-mongolóides? Até quando sobreviveram?

Com o objetivo explícito de desenvolver pesquisa de ponta com competitividade internacional, Neves e Piló e os demais membros do projeto *Origens* persistem na busca incansável de respostas para essas e outras questões relativas aos paleoíndios tardios de Lagoa Santa – o povo de Luzia. Revelam para além da pertinácia e ousadia o caráter austero e corajoso de suas atividades científicas. *Hasta la victoria, compañeros!*

autor **Maria Cecília Manzoli Turatti**
Doutora em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

Recebida em 31/08/2008

Aceita para publicação em 12/11/2008